

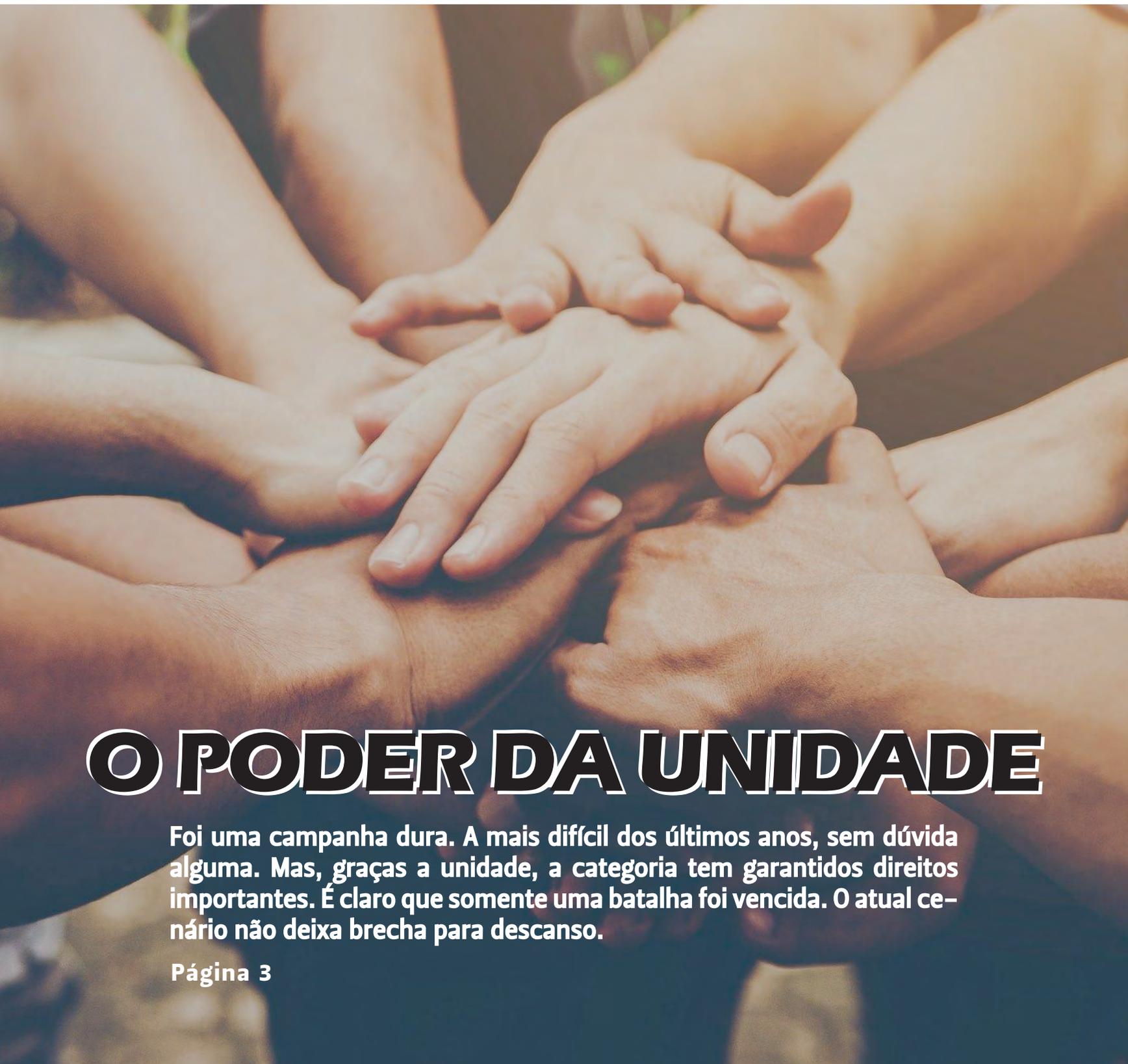
# NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 72 - AGOSTO 2020



PRESIDENTE: CARLOS ALBERTO AFONSO COSTA



## ○ PODER DA UNIDADE

Foi uma campanha dura. A mais difícil dos últimos anos, sem dúvida alguma. Mas, graças a unidade, a categoria tem garantidos direitos importantes. É claro que somente uma batalha foi vencida. O atual cenário não deixa brecha para descanso.

Página 3

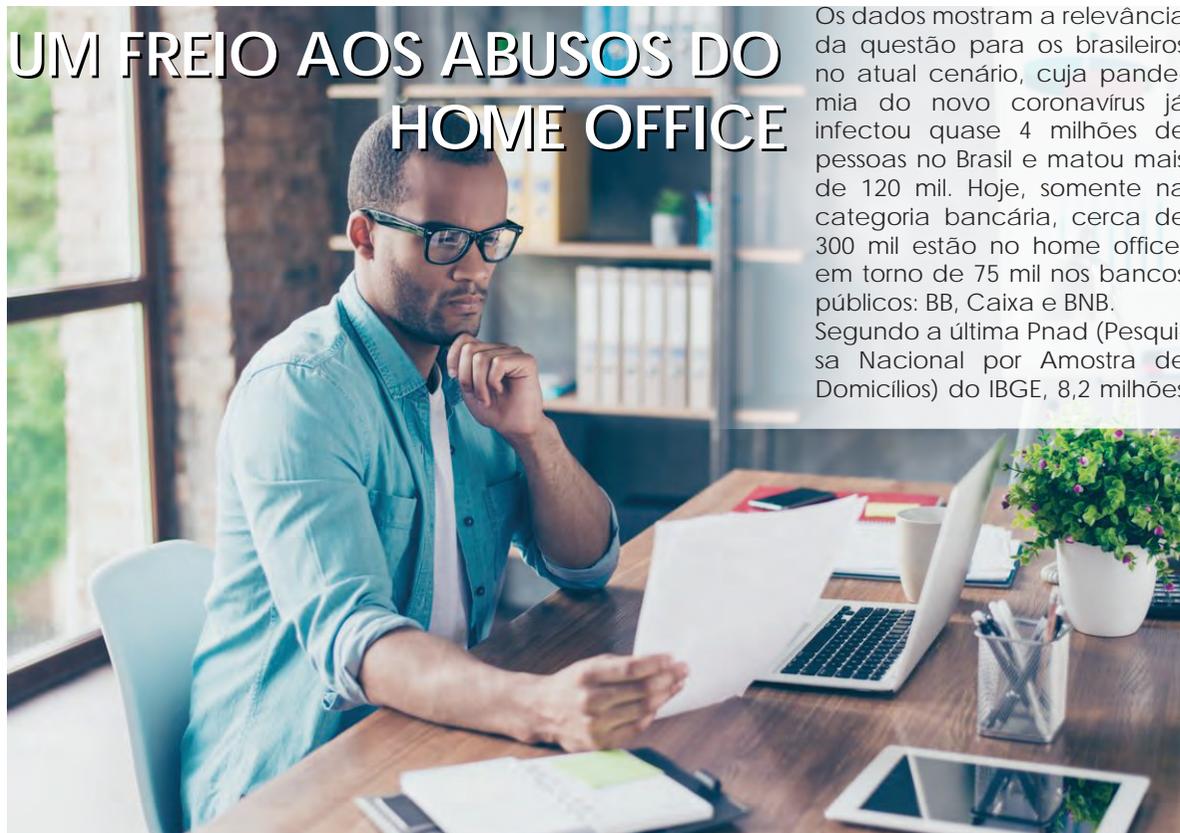
# Cenário ruim

É consenso que o cenário para as negociações coletivas é o pior das últimas décadas. Além da crise econômica que o Brasil atravessa há anos e que se expressa nos mais de 13 milhões de desempregados e no aumento das desigualdades sociais, ainda tem a pandemia causada pelo novo coronavírus, que atinge todos os países do mundo, devasta as economias e os empregos. O novo contexto tem impacto direto nas campanhas salariais. No primeiro semestre, segundo levantamento do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), a pandemia reduziu o número de cláusulas relativas a reajuste salarial em 28% na comparação entre o primeiro semestre deste ano e o mesmo período de 2019. A maior parte dos acordos envolvia questões ligadas ao novo coronavírus e as medidas provisórias editadas pelo governo federal (936 e 927).

Entre março, quando a pandemia começou, até junho, foram registrados 7.398 instrumentos coletivos no Sistema Mediador, base de dados do Ministério da Economia. Do total, 55% tiveram cláusulas relacionadas à Covid-19. Cláusulas que envolvem a MP 936, como a redução de salário

e de jornada, além da suspensão temporária de contrato, e o home office, foram predominantes. Quer dizer, a maioria das categorias teve de abrir mão de direitos para garantir os empregos.

## UM FREIO AOS ABUSOS DO HOME OFFICE



Os dados mostram a relevância da questão para os brasileiros no atual cenário, cuja pandemia do novo coronavírus já infectou quase 4 milhões de pessoas no Brasil e matou mais de 120 mil. Hoje, somente na categoria bancária, cerca de 300 mil estão no home office, em torno de 75 mil nos bancos públicos: BB, Caixa e BNB. Segundo a última Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE, 8,2 milhões

## A campanha dos bancários

A conjuntura adversa complicou também as negociações dos bancários, uma das categorias mais fortes do país. Foram necessárias 14 rodadas de negociação para que a Fenaban e a rede pública, o que inclui a Caixa, apresentassem uma proposta possível de ser avaliada e aprovada. Inicialmente, os bancos endureceram e levantaram até a possibilidade de não renovar a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), se aproveitando do fim da ultratividade. Mas, por fim, os bancários conseguiram um acordo e mantiveram todas as cláusulas da CCT por dois anos.

de pessoas estavam em trabalho remoto entre os dias 12 e 18 de julho. O home office realmente caiu nas graças do capital, principalmente dos bancos, porque reduz custos e incrementa os lucros.

Até o presidente da Caixa, Pedro Guimarães, já reconheceu que pretende ampliar o teletrabalho depois da pandemia. O problema é que para a maioria dos trabalhadores, a nova rotina tem sido o maior inferno.

As empresas abusam na extração da jornada, na cobrança de metas e resultados. Incomodam a qualquer dia e hora. Aham que os empregados, por estarem em casa, devem dedicação integral. A nova realidade exige a regulamentação do teletrabalho, quer dizer, legislação aprovada pelo Congresso Nacional, com ampla participação dos trabalhadores. Urgentemente.

## Campanha salarial

# UM ACORDO DA MOBILIZAÇÃO

É natural que depois de 14 longas rodadas de negociações e ameaças de retirada de direitos, os empregados da Caixa fiquem com dúvidas e "até com o pé atrás" a respeito da proposta apresentada pela direção da empresa para renovação do acordo aditivo. Mas, de fato, o banco recuou e dois pontos merecem atenção. Ambos, fruto da resistência dos empregados. Primeiro é a PLR Social. O segundo é a manutenção, no Saúde Caixa, do modelo 70/30, e a não aplicação até 2022 do teto de 6,5% da folha e proventos para despesas da Caixa com o plano,

previsto no estatuto do banco. Além da inclusão de todos os novos empregados, inclusive PCDs.

Inicialmente, a direção da empresa queria impor até a cobrança por idade, o que inviabilizaria o convênio médico para milhares de usuários, principalmente os aposentados. A proposta foi recusada na hora pela Comissão Executiva dos Empregados (CEE). Uma atitude ousada, que poderia dar errado. Mas, no fim, a Caixa recuou. Diante de todas essas dificuldades do atual cenário, as conquistas são, sem dúvidas, importantes.

### CONFIRA CADA PONTO

- \* ACT - garantidos todos os direitos previstos no atual Acordo Coletivo de Trabalho.
- \* Saúde Caixa - contribuição do titular de 3,5% e 0,4% por dependente, com teto de 4,3%. Coparticipação de 30% por cada dependente com teto familiar de R\$ 3.600,00. Fim da coparticipação por internação e tratamento oncológico. No caso de atendimento em pronto socorro, coparticipação de R\$ 75,00. Reajustes menores para que a proporção de 30% das despesas assistenciais seja alcançada pelos usuários.
- \* GT Saúde Caixa - valorização do grupo de trabalho encarregado de definir soluções sustentáveis para o plano, com participação dos empregados e compromisso de, em 2022, efetivar a implementação das decisões tomadas em consenso.
- \* PLR Fenaban - garantida.
- \* PLR Social - A SEST (Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais) limitou o pagamento ao máximo de três RBs (Remuneração Básica) por empregado.
- \* Férias - garantido o direito de dividir em três vezes, conforme interesse do empregado.
- \* Intervalo de almoço - possibilidade de flexibilização em mínimo de 30 minutos e máximo de 2 horas para jornada de 8 horas.
- \* Ausências permitidas - mantidas.
- \* GT Saúde do Trabalhador - mantido
- \* Reestruturação - exigência de negociação antes da adoção de qualquer medida.
- \* Promoção por mérito - até 2 deltas, ano base 2020 e 2021, com aumento em cada ano de 4,6% (incorporado ao salário).
- \* Descomissionamento - vedado para gestantes.

Por cobrança insistente da CEE, a Caixa se comprometeu em fazer adequações para evitar a abertura das agências aos sábados.

## DÉFICIT DA FUNCEF PASSA DOS R\$ 7 BILHÕES

1º semestre de 2020:  
Deficit da Funcef ultrapassa  
**R\$ 7 bilhões**



A cada nova notícia da FUNCEF uma decepção para participantes e assistidos. O déficit do fundo de pensão dos empregados da Caixa cresceu R\$ 723,6 milhões entre janeiro e junho deste ano e o acumulado passou para R\$ 7,009 bilhões. O aumento ante dezembro foi de 11,5%.

A análise por plano mostra que as reservas dos assistidos do REB e Novo Plano superaram a meta. No entanto, houve desvalorização nos saldos de conta de ativos desses mesmos planos em 4,31% e 3%, respectivamente. O REG/REPLAN também ficou abaixo da meta.

Segundo comunicado da FUNCEF, o balanço ruim se deve a renda variável que oscilou negativamente

em 9,13%. Já a Renda Fixa e Investimentos Estruturados superaram a meta de 2,59%, chegando a rentabilidade de 3,56% e 2,63%, respectivamente.

O relatório mostra ainda que as operações com participantes, modalidade dos empréstimos como o Credplan, registraram rentabilidade muito elevada com 6,22%. O índice equivale a 2,4 vezes a meta.

#### Contencioso

A dor de cabeça ainda está no contencioso judicial. A perda provável caiu R\$ 219 milhões no período. Do total de R\$ 903 milhões, R\$ 784 milhões são do grupo previdencial, onde se registram possíveis perdas decorrentes de demandas do participante contra a patrocinadora Caixa. Já a perda possível cresceu R\$ 290 milhões e totaliza R\$ 4 bilhões.

# MP que privatiza a Caixa é um risco

A Caixa é o banco das políticas públicas. Responsável por realizar o sonho de milhões de brasileiros, seja por meio da casa própria, do crédito estudantil, ou dos programas que ajudam a levar comida para a mesa das famílias mais carentes. É também uma empresa eficiente, com alto lucro. Fechou 2019 com balanço de R\$ 21,1 bilhões.

O resultado abre os olhos do capital privado, há muito tempo de olho na Caixa, e o governo Bolsonaro não esconde a intenção em vender a empresa. A MP 995 é um exemplo. A Medida Provisória, editada na calada da noite de uma sexta-feira de agosto, permite à estatal criar subsidiárias e, assim, privatizá-las.

O próprio presidente Jair Bolsonaro entregou o jogo. Segundo ele, "o Estado está inchado e deve se desfazer de suas empre-



sas deficitárias, bem como daquelas que podem ser melhor administradas pela iniciativa privada". A declaração ajuda a explicar o descaso do governo com o atual cenário na Caixa.

O banco realiza sozinho o pagamento do auxílio emergencial para milhões de brasileiros atingidos pela crise sanitária. Muitas vezes, agências com três ou quatro empregados atendem quase mil pessoas por dia. É humanamente impossível dar conta de tamanha demanda. Mas, nesta agenda, o governo tem um grande aliado: a grande mídia, que diariamente está na porta das unidades "denunciando" as grandes filas, ignorando outras questões, como o fato de outros bancos não atuarem em conjunto com a Caixa ou ainda o número baixo de funcionários para atender a demanda.

## BRASILEIROS CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

A população está de olhos bem abertos para as investidas do governo Bolsonaro contra a venda das empresas estatais. Consulta pública no portal e-Cidadania, do Senado Federal, mostra que 97% das pessoas são contra a Medida Provisória 995/2020, que permite o desmembramento e abertura de capital da Caixa.

A mobilização para que os parlamentares votem contra a MP é forte. O manifesto contrário à privatização da Caixa e em defesa do trabalhador e do patrimônio nacional já conta com apoio de mais de 220 entidades. O documento destaca que o governo federal desrespeita a Constituição Federal, o Congresso Nacional e burla uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) para atender o desejo de privatizar o único banco 100% público do país.

Como as Medidas Provisórias têm efeito imediato, o movimento sindical reforça que o governo escolheu o instrumento para 'passar a boiada' para beneficiar o mercado, criar e vender subsidiárias de atividades fundamentais para o papel

social da Caixa. O dever das entidades representativas é barrar que a atuação da instituição financeira seja pulverizada.



## Mais foco na saúde mental

Um problema que muitas pessoas têm enfrentado durante a pandemia do novo coronavírus é manter a saúde mental em equilíbrio. Com o isolamento social, a sobrecarga de trabalho e as incertezas sobre o futuro, o lado emocional pode ser afetado. Uma saída possível e acessível a todos é a meditação como estratégia para lidar com os desafios psicológicos do dia a dia.

A prática da meditação pode ser realizada por conta própria, ou até mesmo por meio de aplicativos e ajuda o corpo a relaxar e diminuir o estresse, além de manter boas energias. Segundo especialistas, a prática também ajuda a desenvolver habilidades como concentração, tranquilidade, e é uma alternativa que pode amenizar quadros de ansiedade e irritabilidade, quando associado a outras atividades.

Durante o período de pandemia, muitas pessoas estão desenvolvendo síndromes e quadros como de depressão, ansiedade e irritabilidade. Segundo psicólogos que trabalham com a prática de meditação, uma mente mal cuidada pode influenciar no desempenho do indivíduo e em outras atividades, já que a falta da saúde mental rompe todos os outros pilares da vida.

A Organização Mundial de Saúde reconhece os efeitos da crise sanitária no bem-estar psicológico das pessoas. De acordo com a OMS, os cuidados com a saúde mental fazem parte das medidas de combate ao novo coronavírus e, por isso, devem ser intensificadas.